

ainda está a tremar

da Pobreza”, de Nuno Costa Santos,
10 de Novembro de 2022 (pág. 9)

que matéria preambular), foi um milagre. Permitiu o desenvolvimento de infra-estruturas, permitiu a mitigação de atrasos históricos, permitiu a consolidação de uma identidade, permitiu-nos sonhar. Mas envelheceu ao mesmo ritmo a que o Homem decifra os mecanismos da sua própria perpetuação no poder.

14. Pretender reforçar-lhe o peso sobre os ombros, neste momento, pode parecer romântico, mas é contrário à responsabilidade, é contrário (no fundo) à autonomia e é (seguramente) contrário aos Açores. A autonomia e a justiça social não são adversárias. Nem sequer constituem uma dicotomia: estão na mesma trincheira, postas perante o mesmo inimigo e ambas a perder a guerra. Simplesmente, uma tem prioridade natural sobre a outra: a que trata do socorro às populações, como em qualquer situação de emergência.

15. E eu gostava de ver os escritores e os artistas dos Açores do lado certo da história – por amizade, por respeito intelectual e também por conveniência. Somos muito poucos, apesar de tudo. E este é o tempo de exigir uma sociedade mais justa e fraterna, não de gastar as energias sobrantes – de ocupar as poucas vozes que ainda se preocupam – na exigência de uma sociedade de contornos politicamente (ou mesmo apenas institucionalmente) mais distinguíveis.

16. Precisamos de ter a humildade, todos nós os que podem sustentar-se a si mesmos, de olhar para o modo como vivem os pobres dos Açores. De entrar nas suas casas. De discutir com eles as suas expectativas de vida. De falar com as suas crianças. Desconhecemo-lo totalmente, e tu demonstra-lo com esta frase (cito novamente do teu artigo): “Até porque o presenciei durante o meu crescimento e topo-a hoje, a lucidez dos açorianos pobres relativamente a todas as formas de pobreza é muito verbalizada pelos próprios.” Estás enganado,

A autonomia dos Açores é um copo meio cheio: ao mesmo tempo um sucesso admirável e um fracasso desolador (...). Com tantos anos e tanto dinheiro, podíamos ter feito melhor



meu amigo. Não estamos a falar desse género de pobreza em que o nosso vizinho suspira em causa própria: “Coitado de quem é pobre.” Estamos a falar de uma pobreza inimaginável na Europa do século XXI. De graus indizíveis de insalubridade. De má nutrição. De violências reiteradas e tacitamente aceites pelos cuidadores (quando não são eles os agressores). De ausência de quaisquer planos (ou sequer desejos) de emancipação. De depressão profunda. E, sim, de desconhecimento absoluto da pobreza que significa essa vida, porque simplesmente não se conhece outra.

17. São milhares de pessoas a viver assim pelos Açores todos, dentro e fora dos bairros sociais em que o sistema foi conservando (ou para que foi proscendendo) o seu eleitorado. E todos nós, independentemente do nosso trajecto de vida, devemos questionar-nos sobre se estamos de facto conscientes dessa realidade. Se a conhecemos de todo. Não há vergonha em aferi-lo. Em Lisboa, por exemplo, as cheias de 1967 mostraram aos betinhos da Juventude Universitária Católica uma pobreza que ignoravam por completo. Ainda há dias, em entrevista a Francisco Pinto Balsemão, António Guterres reconheceu essa epifania. Para muitos dos seus contemporâneos, foi esse conhecimento a fazê-los abandonarem Salazar, o que explica a cooptação de Caetano

para ditador.

Meu amigo:

18. A autonomia dos Açores é um copo meio cheio: ao mesmo tempo um sucesso admirável e um fracasso desolador. Só que nós nunca a quisemos para ser um copo meio cheio. Nem para nos podermos comparar (como estranhamente fazes) com a província do continente.

19. E, seja como for, o romantismo da autonomia tem de ser precedido pelo romantismo da justiça. Da equidade e da justiça social. Não há justiça social nos Açores, como até José Manuel Bolieiro – um homem de direita, imagina – já percebeu. Infelizmente, continua a pregar sozinho por entre o laxismo generalizado, apesar do seu próprio partido e perante a inércia da esquerda.

20. Com tantos anos e tanto dinheiro, podíamos ter feito melhor. Mas, por outro lado, ainda podemos fazer melhor. E, ao contrário do que pensas, não é com a intervenção de quem diz que podemos fazer melhor que a autonomia fica em risco. É na ausência dessa intervenção que ela verdadeiramente pode morrer.

21. Ao pé deste problema, todos os assuntos que se discutem no Par-

lamento, nos jornais, nos círculos literários, pelos escritórios e às mesas dos cafés dos Açores são muito importantes e, ao mesmo tempo, não têm importância nenhuma. E, enquanto forem suficientes para nos ocuparem, no nosso comprazimento com um estado de coisas que no fundo nos é favorável – a nós, a classe média e média/alta, a elite intelectual e artística, aqueles que podem sustentar-se sozinhos –, estas ilhas continuarão a caminho de onde vão: lado nenhum.

22. Ou por outra: ficam disponíveis para a gentrificação absoluta. E ela vem aí. Os ricos do mundo não só já descobriram os Açores, como estão a comprar os Açores. Sem massa crítica, sem sociedade civil, a nossa capacidade de nos mantermos inteiros não será pouca: será nenhuma.

23. E nós, escritores, não podemos continuar a fazer silêncio sobre nada disto. Nem na nossa intervenção cívica, nem na nossa produção literária. A literatura não pode ser cúmplice. A literatura nunca é cúmplice.

24. Aqui te envio eu o meu abraço de autonomista. Tão autonomista que não quero que esta autonomia morra de repente, de tão gorda e anafada. E tão humanista que, se isso ajudasse as pessoas a viverem com dignidade, até admitiria contê-la.